

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES E COMUNICAÇÕES
DEPARTAMENTO DE ARTES PLÁSTICAS

Narrativa ilustrada: *O Poder da Língua*
Projeto do Bacharelado em Artes Visuais

Naomi Akimoto Iria
Prof.^a Dra. Dália Rosenthal

São Paulo

RESUMO

A história em quadrinhos "O Poder da Língua" aborda a relação das línguas indígenas, especialmente do *Nheengatu*¹ (ou Língua Geral Amazônica), com o processo de colonização no Brasil. Paralelamente, destaca a entrevista² conduzida em 2021 com Nikita Guarani Nhandeva, que relata suas experiências como educadora indígena no contexto urbano.

O roteiro é amparado por diversas fontes de pesquisa, tais como documentos, entrevistas, visitas às exposições do Museu da Língua Portuguesa, recursos audiovisuais e o curso de Tupi Antigo ministrado pelo Prof. Dr. Eduardo Navarro (FFLCH-USP). Essa diversidade de fontes não só fundamentou a narrativa, mas também possibilitou a experimentação das relações entre os elementos narrativos e o hibridismo na linguagem das histórias em quadrinhos.

ABSTRACT

The comic 'The Power of Language' explores the relationship of indigenous languages, especially *Nheengatu* (or Amazonian General Language), with the process of colonization in Brazil. Simultaneously, it highlights an interview conducted in 2021 with Nikita Guarani Nhandeva, who shares her experiences as an indigenous educator in an urban context.

The script is supported by various research sources, such as documents, interviews, visits to exhibitions at the MLP (Museu da Língua Portuguesa), audiovisual resources, and the Classic Tupi course taught by Professor Dr. Eduardo Navarro (FFLCH-USP). This diversity of sources not only grounded the narrative but also allowed for experimentation with the relationships between narrative elements and the hybridism in the language of comic books."

¹ *Nheengatu* (*Nhe'eng* + *katu*, língua bonita) é uma língua indígena pertencente à família Tupi-Guarani. É também conhecida como língua geral amazônica, sendo historicamente utilizada como língua franca entre diferentes grupos étnicos na região amazônica. A palavra "*Nheengatu*" significa "língua boa" ou "língua bonita" em tupi. Durante o período colonial, o *Nheengatu* desempenhou um papel importante como meio de comunicação entre colonizadores, missionários e povos indígenas na região.

² Entrevista realizada com a educadora indígena Nikita Guarani Nhandeva no ano de 2021. Essa entrevista originou o artigo *Um pé aqui o coração lá*, publicado na *Acervo de múltiplas vozes: narrativas de experiências com Arte e Educação*. Volume 2

Palavras-chave: Narrativa Visual, Nheengatu, Narrativa Sequencial

PARTE I

INTRODUÇÃO | *Histórias e Levantes*

A língua é o retrato mais fiel de um povo, ao mesmo tempo em que se configura como seu instrumento mais potente de transformação. Com a extinção de uma língua, apagam-se realidades únicas. Portanto, é imperativo reconhecer, apreciar e fortalecer a rica diversidade que caracteriza os aspectos sociais, culturais e linguísticos da nossa sociedade.

A diversidade linguística dos povos indígenas não é um fato óbvio. Atualmente, são faladas cerca de 175 línguas indígenas distintas (IBGE, 2010). No entanto, antes da colonização, estima-se que elas somavam mais de mil. O *Nheengatu*, objeto central da primeira parte da narrativa ilustrada, é uma das línguas que compõe este dado, ele atravessa o Império e chega até os dias de hoje, sendo usado cotidianamente, nas comunidades localizadas na Bacia do Rio Negro.

Em 1500, o Tupi Antigo, que precede o *Nheengatu*, era usado na maior parte da costa atlântica brasileira pelos povos nativos. Os potiguaras, caetés, tupiniquins, tupinambás, que utilizavam variantes dialetais da língua, eram chamados genericamente de tupis pelos europeus. O *Nheengatu* (“língua bonita”) tem origem no Tupi Antigo e constituiu-se a partir dos aldeamentos missionários. Até 1877, era a língua mais falada na Amazônia (NAVARRO, 2011).

Atualmente, os barés (da família Aruak), são um povo composto por quase 10.600 indígenas. Eles não falam mais seu idioma original, extinto por volta dos anos 50. Falam português e o *nheengatu*, sendo o último imposto por jesuítas no século XVIII. No documentário "Baré: o povo do Rio" (2015), um ancião da comunidade relata: "Antigamente, os barés sabiam sua língua. Eles falavam até morrerem nossos pais. Meu pai morreu e meus irmãos já não falam baré, só falam *nheengatu*. Eles queriam falar a língua dos brancos. Por isso, eu não sei falar baré".

A HQ também aborda os discursos de memória. No ano de 2021, entrevistei a educadora Nikita Guarani Nhandeva, uma mulher indígena, ativista e autora do projeto *Respeita a Nossa História*. O objetivo é conscientizar as pessoas para a cultura e história dos povos indígenas, com atuação em escolas e universidades.

O USO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NO DEBATE SOCIAL

Por um longo período, as histórias em quadrinhos foram consideradas um gênero marginalizado, rotulado como subliteratura. A partir dos quadrinhos underground das décadas de 1960 e 1970, desenvolveu-se uma tradição de destacar personagens à margem da sociedade. Essa característica as torna um meio privilegiado tanto para narrar a vida nas periferias urbanas contemporâneas quanto para reinterpretar a história por uma perspectiva decolonial, mostrando o ponto de vista daqueles que foram oprimidos e excluídos. Analisando os “quadrinhos brasileiros”, esses apresentam uma forma e conteúdo que une história e ficção de maneira forte e eficiente, ilustram essa afirmação, as obras autorais Angola Janga e Cumbe, de Marcelo D’Salete.

A elaboração do Cumbe e de Angola Janga começou por volta de 2004. Não tinha uma ideia muito clara do que eu estava fazendo logo no início. Sabia que era algo falando sobre Palmares, sobre um grande conflito armado. Vamos dizer assim: o tamanho, a dimensão dessa empreitada foi se formando com o tempo. Aos poucos, notei que havia algo para explorar, usando o formato quadrinhos, em termos de resistência contra a violência do período colonial. Uma forma de contra narrativa, opondo-se ao conceito de harmonia racial e social em nossa formação, que persiste ainda hoje.(D’SALETE, 2019)³

PARTE II

DIÁRIO DE PROCESSOS | *Desenvolvimento da HQ “O Poder da Língua*

O desenho estrutura o meu pensamento, estabelece relações que a própria palavra não consegue esclarecer de maneira tão natural. A escolha de realizar uma narrativa ilustrada não foi óbvia, mas ganhou forma durante a minha trajetória na graduação em Artes Visuais.

³ Lima Gomes, I. . (2019). Imaginando uma outra história da resistência negra: entrevista com Marcelo D’Salete. ArtCultura, 21(39), 117–124. <https://doi.org/10.14393/artc-v21-n39-2019-52030>

Como estudante da ECA, pude explorar algumas disciplinas na área da comunicação e uma delas foi a de "Jornalismo Visual" ministrada pelos Profs. Drs. Atílio Avancini, Luciano Guimarães e Wagner Silva.

Nesta disciplina, a proposta de trabalho final envolvia a criação de uma narrativa visual que relatasse um acontecimento jornalístico. Tomei a decisão de desenvolver uma breve narrativa gráfica, cujo o tema é a explosão do garimpo ilegal nas terras yanomamis. A escolha desse evento como foco, proporcionou uma oportunidade única de explorar as nuances da narrativa visual. Esse projeto desempenhou um papel crucial na minha formação, e vejo que a narrativa "O poder da língua" é uma continuação deste primeiro.



Fig. 1: Capa da JHQ "Cicatrices na floresta", Naomi Iria. Acesso no [link](#)

JOE SACCO E A REPORTAGEM EM QUADRINHOS

O formato das histórias em quadrinhos cativa não apenas devido ao seu apelo visual, mas também pela notável liberdade que oferecem na condução da narrativa. A HQ "O poder da língua" traz várias temporalidades e ambientes. O documentário no campo do áudio visual, influenciou diretamente a construção desta história, exemplo disso são

as entrevistas guiadas por uma *voz over*, com a aparição de imagens que ilustram aquilo que se é narrado.

Joe Sacco, jornalista-quadrinista, utiliza deste recurso em sua obra "Palestina", e faz a seguinte observação sobre a relação de texto e imagem na reportagem em quadrinhos:

“O repórter tradicional pode tranquilamente descrever um comboio da ONU como 'um comboio da ONU' e seguir adiante com sua matéria. Um jornalista-quadrinista tem que desenhar o comboio, e nesse momento surgem várias questões. Como são os veículos do comboio? Como são os uniformes dos operativos da ONU? Como era a estrada? E o cenário de fundo?" (SACCO, 2012).

Em "Palestina", a escolha de Sacco de representar visualmente as pessoas, os cenários e os eventos oferece uma camada adicional de compreensão. A imagem não apenas ilustra o que é dito no texto, mas adiciona nuances emocionais, detalhes contextuais e uma profundidade sensorial que a linguagem escrita por si só não poderia capturar completamente.

O ESBOÇO E ROTEIRO | *O Poder da Língua*

ESTRUTURA DO ROTEIRO

| PARTE I | PARTE II | PARTE III | PARTE IV | PARTE V | EXTRA |
|---|--|---|--|--|---|
| A Diversidade Linguística dos povos originários Infográfico da árvore linguística, IBGE. | Contexto Histórico do Tupi Antigo Tupi Antigo se transforma em Nheengatu Nheengatu, a língua mais falada no Brasil durante o séc. XVII | O domínio da Língua portuguesa Perseguição oficial do Nheengatu: 1) Marquês de Pombal, 2) Cabanagem; 3) Ciclo da Borracha O Nheengatu hoje: Caso do povo Baré | Relato de Davi Kopenawa Entrevista Nikita Guarani Nikita Guarani Nhandeva | Infográfico línguas indígenas do Brasil x línguas do tronco indo-europeu | Vocabulário em Tupi Antigo: 1) Jabaquara; 2) Ipanema; 3) Caa-tinga; 4) Maracaña |

Fig.2 Estrutura do roteiro da HQ *o poder da Língua*, Acervo pessoal (2023). O roteiro completo pode ser acessado no seguinte [link](#)

O esquema acima, ilustra o caminho em que a narrativa se estrutura. Mas essa não foi de certa forma uma ordenação rígida, são apenas os pontos principais. Por estabelecer um método aberto, para o bem ou para o mal, digressões e expansões foram favorecidas.

Outro ponto é que essa estrutura se manteve orgânica boa parte do desenvolvimento do TCC. Conforme tive contato com as aulas de Tupi, documentários, entrevistas e referências bibliográficas, a estrutura foi moldando-se de acordo com a incorporação destes novos elementos, mas não se trata apenas de um processo de adição, muito descartou-se.

Não sou uma pessoa que possui a prática da escrita, então o desenvolvimento do roteiro foi um processo árduo e penoso, perdurando quase que um semestre inteiro. Por se tratar de um texto informativo, agarrei-me a familiaridade com a escrita objetiva.

STORYBOARD | *Referências e registro visuais*

Segundo D. Dondis, "*visualizar*" é a capacidade humana de criar imagens mentais. Ao finalizar o roteiro, visualizar cada frase era o próximo passo, anotei em parênteses cada imagem que me vinha em mente.

O *storyboard* é um recurso utilizado para ilustrar as imagens-chave de um texto. Para evidenciar este processo, retiro um exemplo da HQ "O poder da língua" - No roteiro, temos a seguinte frase "Após a abdicação de D. Pedro I em 1831, o Brasil foi governado por regentes, já que o herdeiro do trono, D. Pedro de Alcântara, era muito jovem" – Essa frase parece ter sido tirada de um livro didático, a questão era: como criar uma imagem sem utilizar necessariamente o sujeito histórico em si? Substitui-se a imagem por seu símbolo. Para ilustrar a "abdicação de D. Pedro", um trono vazio e uma coroa no chão, transmite a mensagem, e para ilustrar "o herdeiro precoce do trono", um berço com a coroa dependurada é autoexplicativo. Não é necessário colocar a figura de D. Pedro II para representa-lo.

O exemplo demonstra que a adaptação da linguagem escrita para uma nova linguagem não apoia-se somente em "ilustrar" o texto com imagens, tal como um filme que o/a professor/a de história apresenta em sala de aula, mas alinha-los, por meio de uma narrativa concisa que revele as questões de maneira fluida.

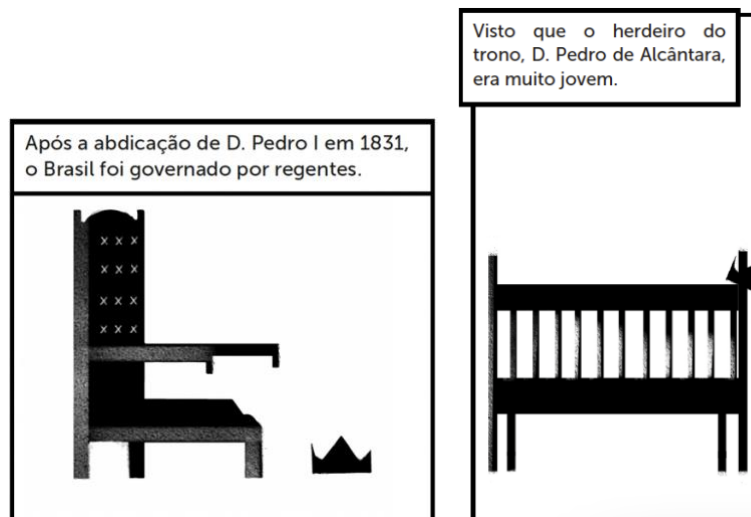


Fig.3 Ilustrações retiradas da HQ “O Poder da Língua”, Acervo pessoal (2023).

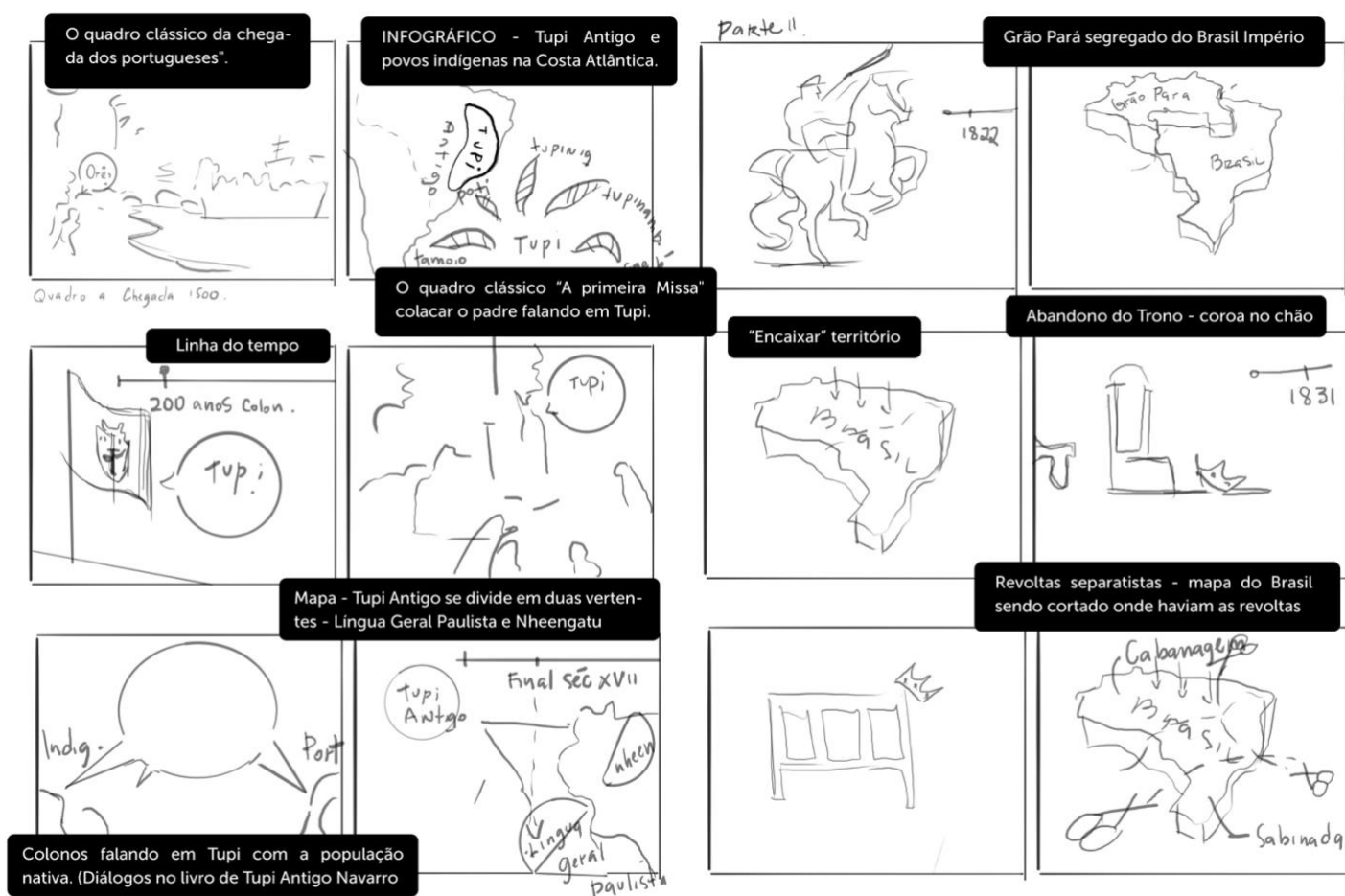


Fig.4 Storyboard da HQ “O Poder da Língua” – dentro das caixas de texto há a descrição escrita das imagens que me vinham em mente ao ler o excerto do roteiro, Acervo pessoal (2023).

ARTE FINAL

Após os esboços, cada página foi ilustrada digitalmente no Photoshop. Caminhando para a finalização, os balões e textos foram inseridos com o auxílio do programa Illustrator.

Algumas referências para pensar a estética da HQ, foram as obras autorais de Marcelo D'Salette, “Maus” do Spiegelman e “Persépolis” da Marjane Strapi. Optei por um traço simples, que combinasse com a estética desenvolvida nas reportagens em quadrinhos.

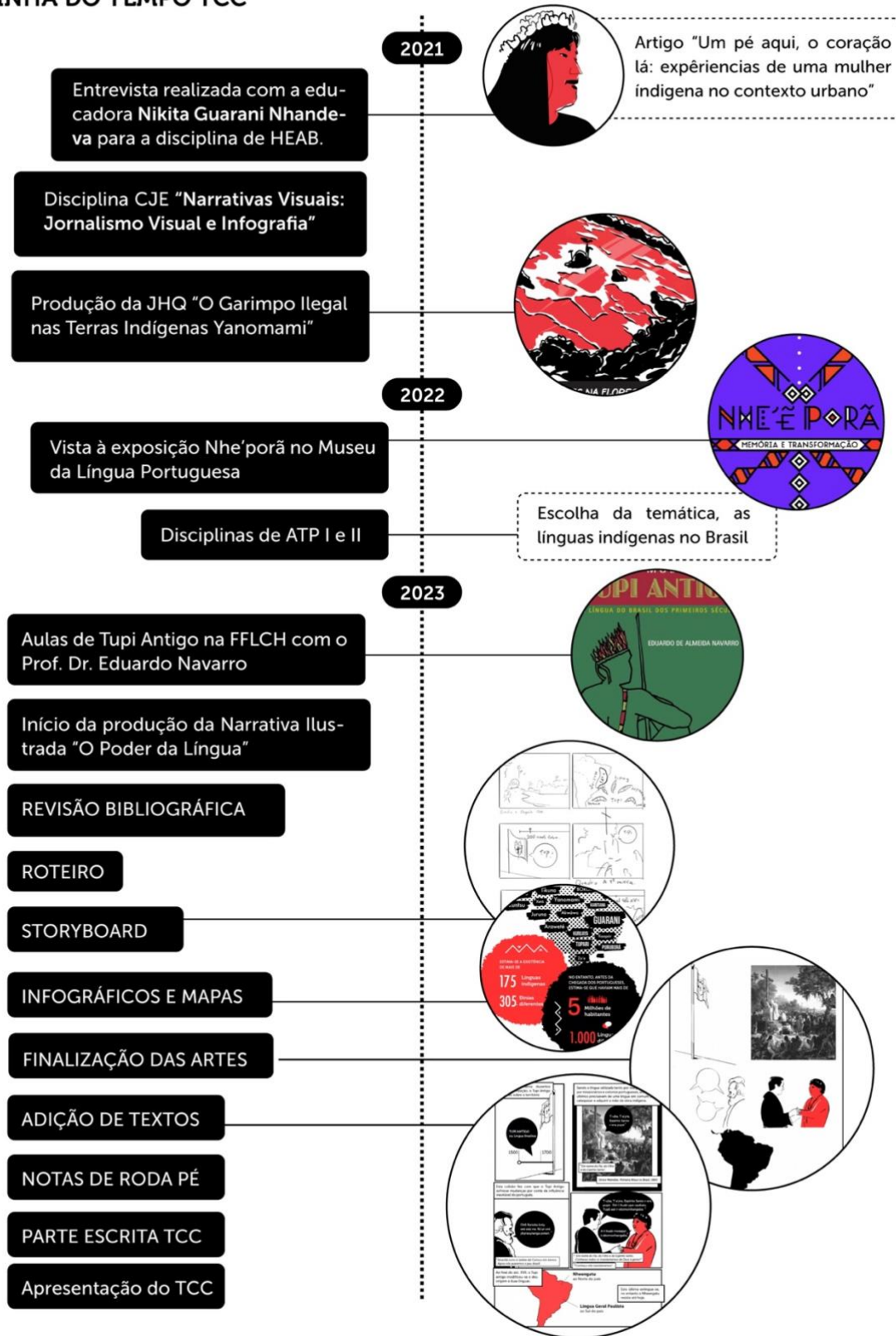
CONCLUSÃO

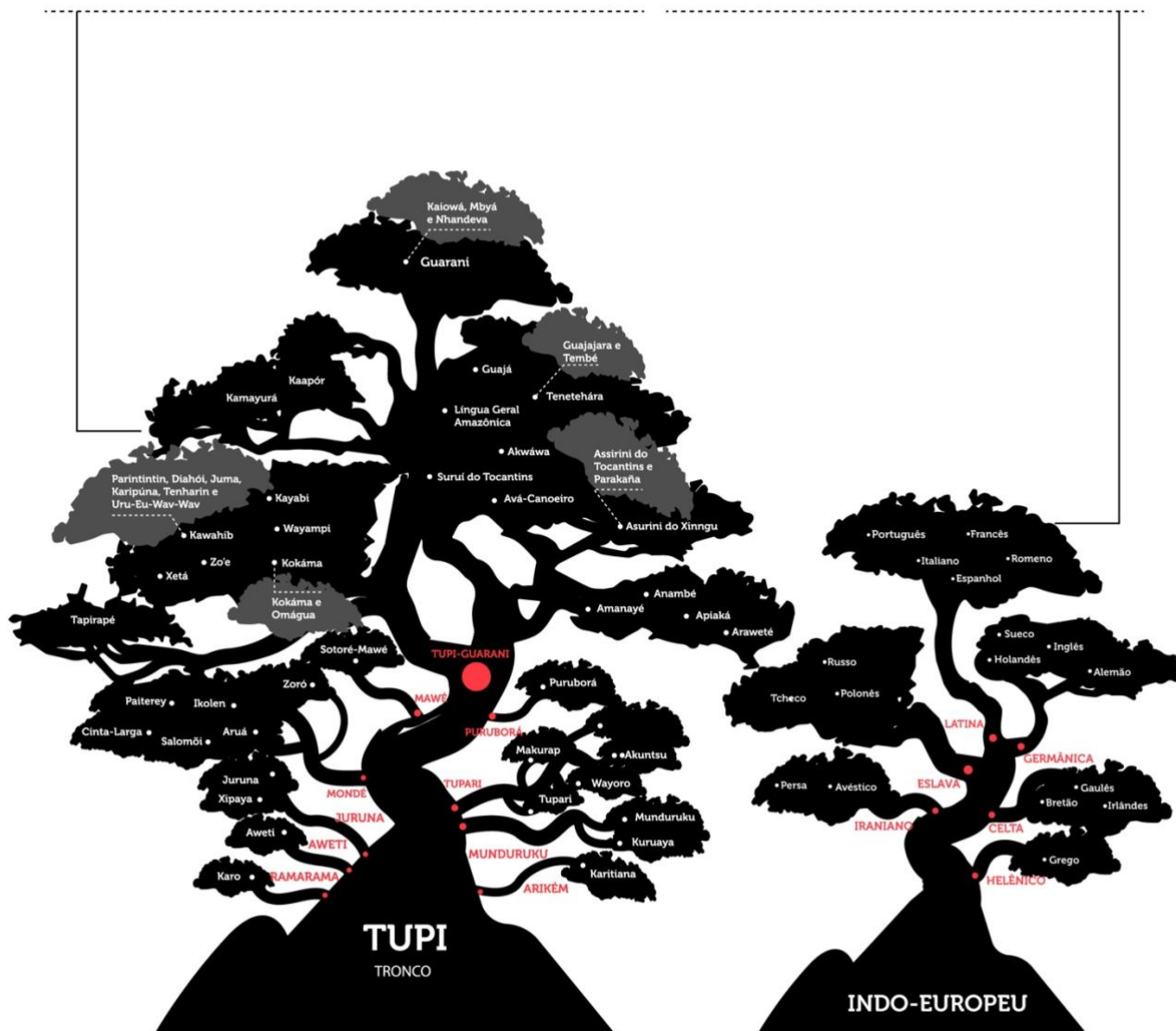
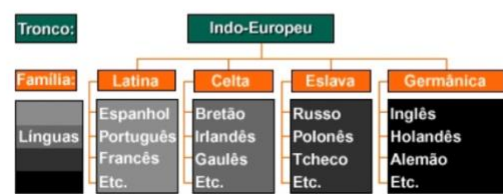
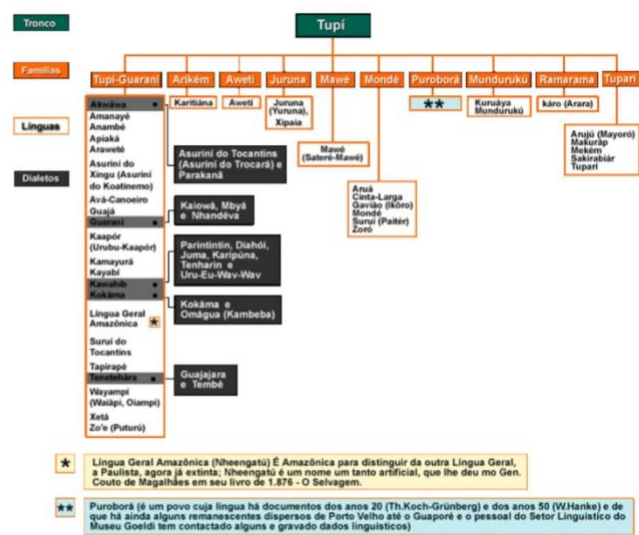
Diferente do currículo escolar, que apresenta uma perspectiva hegemônica, a escola pública é diversa. Este cenário cria lacunas no entendimento dos alunos sobre a formação da sociedade brasileira, perpetuando estereótipos e o conceito de harmonia racial e social. No entanto, há o esforço das/os educadoras/es e profissionais da educação em debater na escola questões identitárias, étnico-raciais e decoloniais. Esta produção é um material que se soma a esses esforços.

O projeto criou uma narrativa gráfica, que elucida no leitor a temática emergente das línguas indígenas no território brasileiro. Por mais que seja uma pesquisa acadêmica e densa, a narrativa ilustrada tem o propósito de tornar acessível este debate.

O TCC, possibilitou que experienciasse o lugar da pesquisa, escrita, a idealização e posteriormente materialização de uma narrativa gráfica. Explorar este projeto, por outros pontos de vista foi essencial para a minha formação como artista visual, e além de tudo, um norteador para a minha pesquisa plástica e educativa.

LINHA DO TEMPO TCC







Tudo me assustava, porque nunca vira nada de semelhante e ainda era pequeno! Mas, quando seus aviões nos sobrevoavam, eu não era o único a ficar assustado, os adultos também tinham medo; alguns chegavam mesmo a romper em soluços, e todo mundo fugia para a mata vizinha!



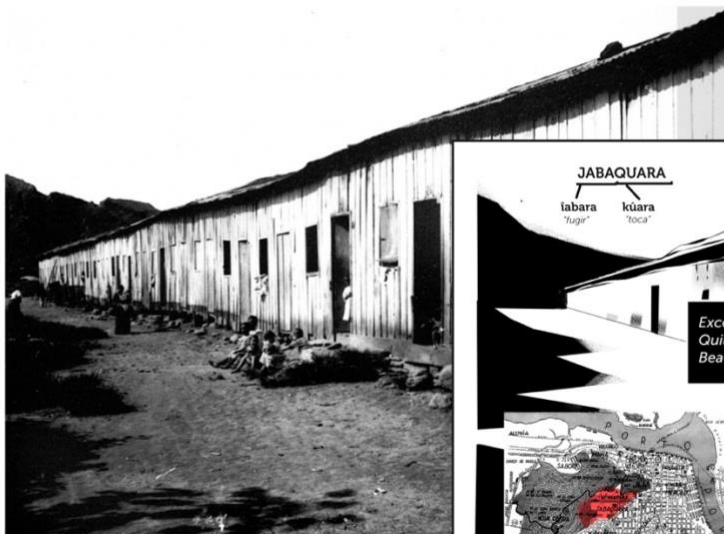
Por isso que eu não sei falar baré.

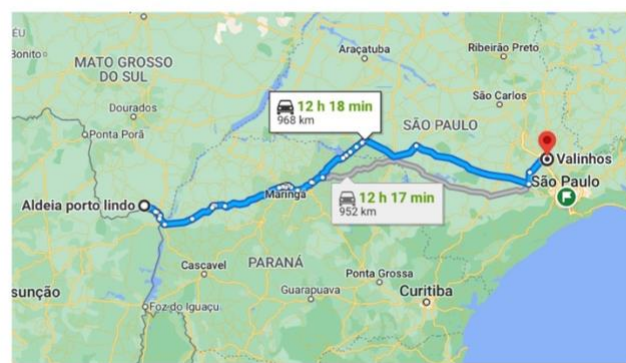
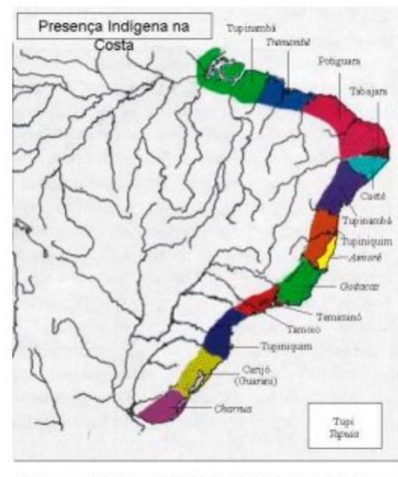
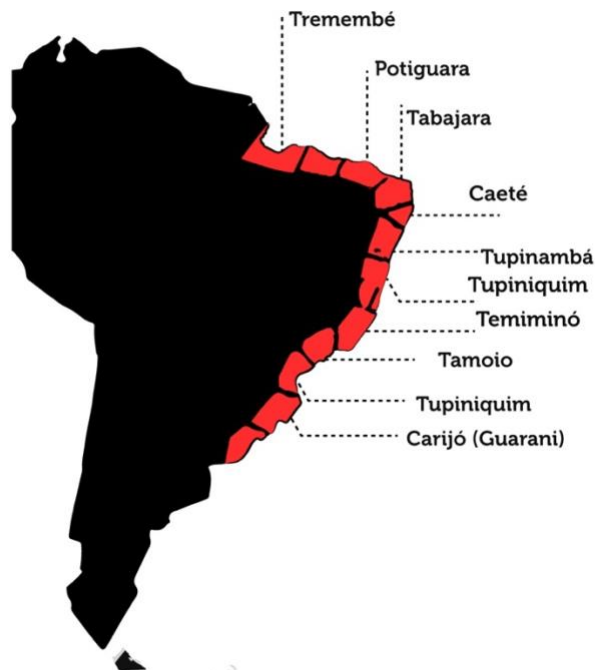


Entrevista retirada do documentário *Baré: Povo do Rio*, 2015



Nossos pais queriam viver como os brancos, saber a língua dos brancos, nheengar. Então conversavam conosco em Nheengatu. Em Nheengatu nos criaram até ficarmos velhos.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT, Bruce. **Descobrimos os Brancos, Davi Kopenawa**. Instituto Socioambiental. 1998.

Barros, M. C. D. M. Borges, L. C., & Meira, M. (1996). **A língua geral como identidade construída**. Revista De Antropologia, 39(1), 191-219. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1996.111629>

Champi, P., Melo Chohfi, J., & Martins, S. M. (2023). Tem indígena aqui: : reflexões acerca do protagonismo indígena na história em quadrinho da revista almanaque tem cientista aqui. 9ª Arte (São Paulo), e217428. <https://doi.org/10.11606/2316-9877.Dossie.2023.e217428>

EDELWEISS, Frederico, **O diretório de 1758: Proibição oficial do uso da língua geral**. In Estudos Tupis e Tupi-Guaranis, Livraria Brasileira, Rio de Janeiro, 1969, pp. 18-19; pp. 36-37

HERRERO, Marina; FERNANDES, Ulysses (Org.). **Baré, o povo do rio**. São Paulo: Edições Sesc, 2015.

ITO, Carol. **HQ Mulheres da Craco** (2020). A Pública. Acesso disponível em: <https://apublica.org/hq/2020/10/hq-mulheres-da-craco/>

Lima Gomes, I. ., & Monteiro, C. . (2019). **HQs, cultura visual e a leitura de imagens**. ArtCultura, 21(39), 7–8. Recuperado de <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/52022>

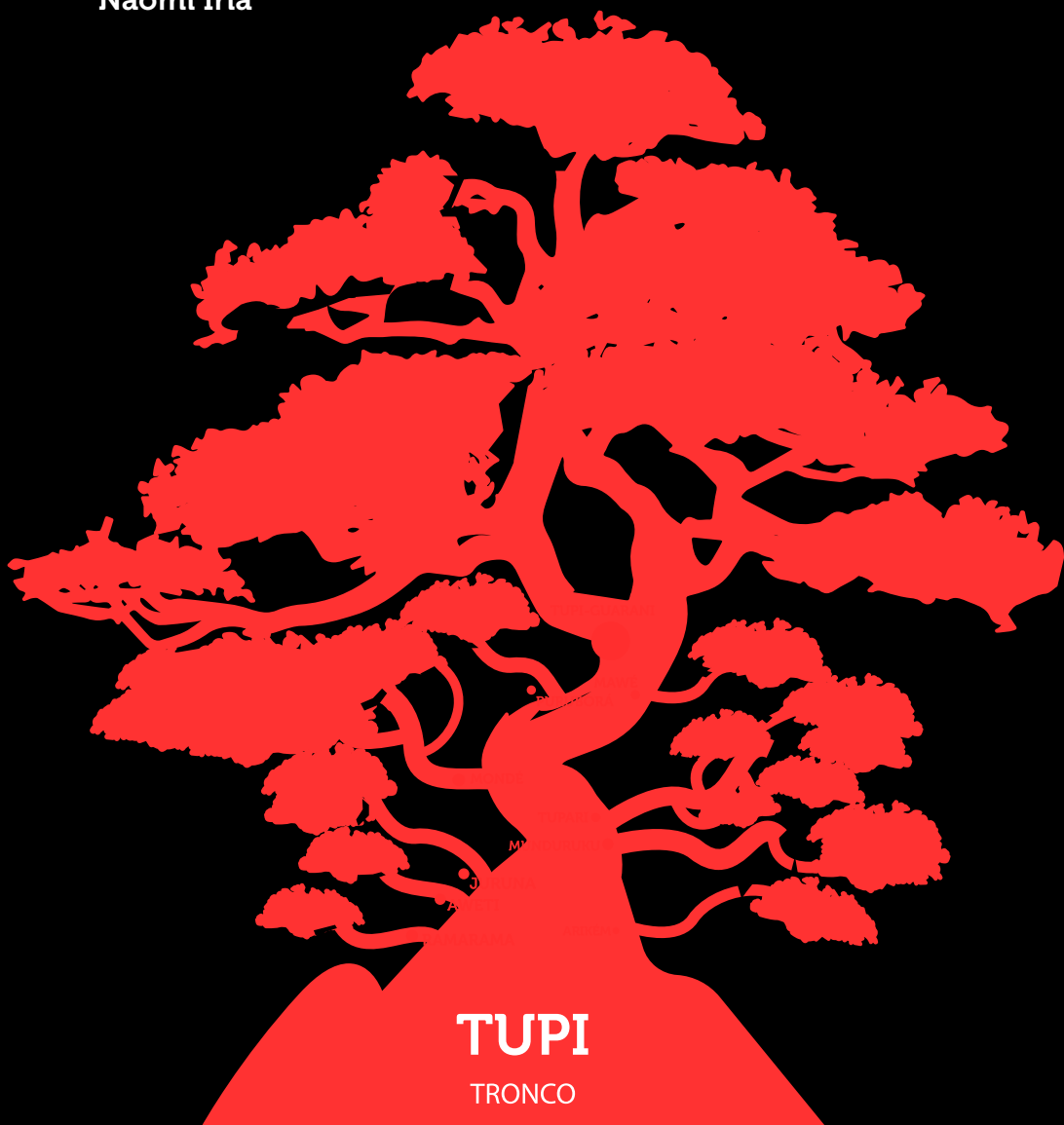
NAVARRO, E. A. **Método Moderno de Tupi Antigo - A Língua do Brasil dos primeiros séculos**. São Paulo, Editora Global, 2006 (3ª edição).

Schneider, G., & Medeiros Neto, J. S. (2019). **O estilo gráfico no jornalismo em quadrinhos**. 9ª Arte (São Paulo), 8(1), 19-28. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9877.v8i1p19-28>

MATTAR, Sumaya. **Acervo de múltiplas vozes : narrativas de experiências com Arte e Educação**. Volume 2 . Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes, 2022.

O PODER DA LÍNGUA

Naomi Iria





ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PROJETO DE BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

O Poder da Língua

Naomi Akimoto Iria

O PODER DA LÍNGUA

APRESENTAÇÃO

A história em quadrinhos "O Poder da Língua" aborda a relação das línguas indígenas, especialmente do Nheengatu (ou Língua Geral Amazônica), com o processo de colonização no Brasil. Paralelamente, destaca a entrevista conduzida em 2021 com Nikita Guarani Nhandeva, que relata suas experiências como educadora indígena no contexto urbano.

O roteiro é amparado por diversas fontes de pesquisa, tais como documentos, entrevistas, visitas às exposições do Museu da Língua Portuguesa, recursos audiovisuais e o curso de Tupi Antigo ministrado pelo Prof. Dr. Eduardo Navarro (FFLCH-USP). Essa diversidade de fontes não só fundamentou a narrativa, mas também possibilitou a experimentação das relações entre os elementos narrativos e o hibridismo na linguagem das histórias em quadrinhos.



No Brasil,
fala-se apenas
Português?

LIBRAS

KRENÁK

Línguas de
sinais indígenas

Não! Somos um
país multilíngue!

MUNDURUKU

Kaingang

Kayabi

Baniwa

Wayoro

Nheengatu

PATAXÓ

Aweti

Karo

Tikuna

BORORÓ

TERENA

Akuntsu

Xetá

Yanomami

KARITIANA

Juruna

Akwáwa

GUARANI

Araweté

KURUAYA

Kaapór

TUPARI

PURUBORÁ

Zo'e

ESTIMA-SE A EXISTÊNCIA
DE MAIS DE

175 Línguas
indígenas

305 Etnias
diferentes

NO ENTANTO, ANTES DA
CHEGADA DOS PORTUGUESES,
ESTIMA-SE QUE HAVIAM MAIS DE

5 
Milhões de
habitantes

1.000 
Línguas
diferentes

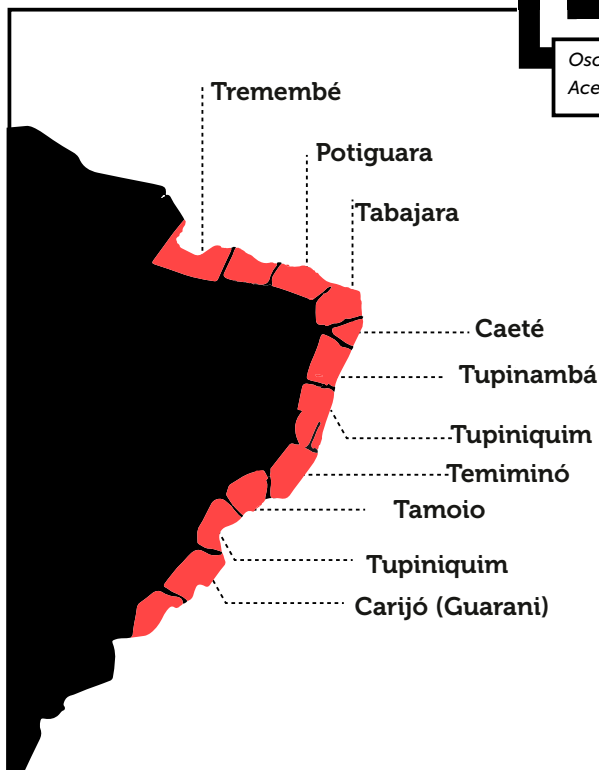
NHEENGATU, TUPI MODERNO

BREVE HISTÓRIA

Por vezes, parece que Cabral chegou ao Brasil e em 1501 todos já falavam português. Na realidade, colonizadores e missionários aprenderam as línguas locais para catequizar e aldear de forma forçada os indígenas.

Até o momento da chegada dos portugueses à América do Sul, o **Tupi Antigo** era o principal idioma na Costa Atlântica.

PRESENÇA INDÍGENA NA COSTA



No Brasil fala-se apenas português? A resposta parece simples - Claro que não! Mas será que conseguimos responder perguntas como: Qual era a língua mais falada no Brasil séc. XVII? Como os missionários e a população nativa comunicavam-se?



Oscar Pereira da Silva "Descoberta do Brasil", 1922
Acervo do Museu Paulista (São Paulo, SP)

Os falantes dela, ocupavam desde o estado do Pará até o sul do Brasil como hoje chamamos. Ela incluía muitas variantes usadas pelos diferentes povos, sendo os mais conhecidos, tupiniquins; potiguaras, os tupinambás, os tamoios, os caetés, etc.


Durante os primeiros duzentos anos de colonização, o Tupi Antigo prevaleceu sobre o território


TUPI ANTIGO
ou Língua Brasilica

1500

1700

Esta colisão fez com que o Tupi Antigo sofresse mudanças por conta da influência inevitável do português.


 Oĩrã Karioka koty
oré sôu-ne. Ko'yr oré
ybyraoytanga potari. ¹

¹ Amanhã rumo à (aldeia da) Carioca nós iremos. Agora nós queremos o pau-brasil.


Ao final do séc. XVII, o Tupi antigo modificou-se e deu origem a duas línguas:


Nheengatu
ao Norte do país

Língua Geral Paulista
ao Sul do país


Esta última extingue-se, no entanto o Nheengatu resiste até hoje.

Sendo a língua utilizada tanto por indígenas quanto por missionários e colonos portugueses, afinal estes últimos precisavam de uma língua em comum para catequizar e adquirir a mão de obra indígena.


 T-uba, T-a'ya,
Espírito Santo
r-era pupé ¹

¹ "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo".

Victor Meirelles, *Primeira Missa no Brasil*, 1860.

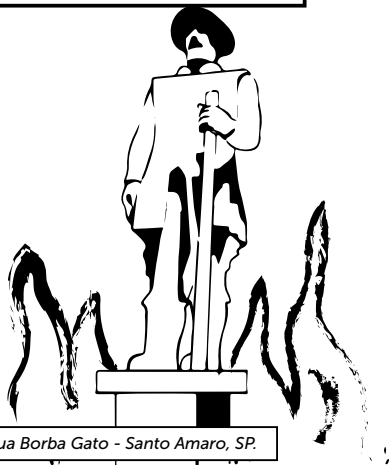

 T-uba, T-a'ya, Espírito Santo r-era
pupé. Erê-i-kuab-ype opakatu
Tupã asé r-ekomhangaba ²

A-i-kuab mosapyr
t-ekomhangaba. ³

² "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Conheces todos os mandamentos de Deus à gente?"

³ "Conheço três mandamentos".

A Língua Geral Paulista era falada pelos bandeirantes de São Paulo

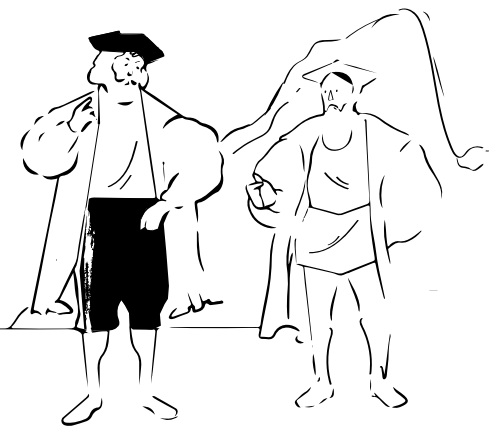
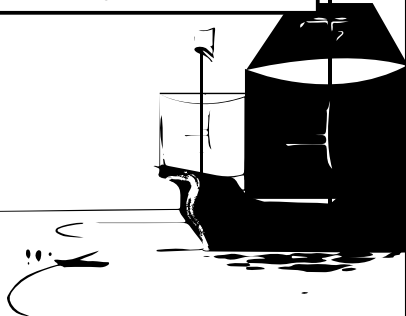


Estátua Borba Gato - Santo Amaro, SP.

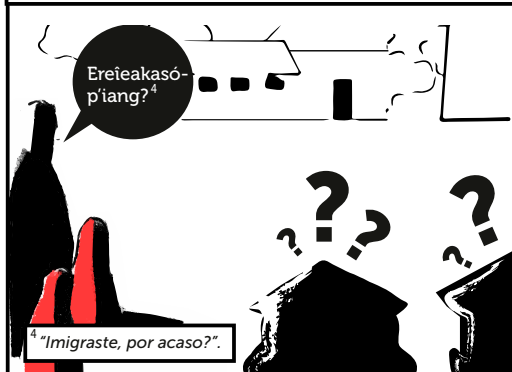
que espalharam a língua por Minas Gerais, Mato Grosso e Paraná



Assim, os portugueses que se transferiam para a América



precisavam, no mínimo, tornar-se bilíngues para se comunicar com a população local

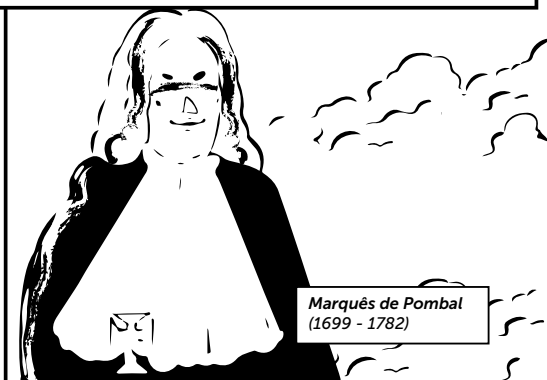


⁴ "Imigraste, por acaso?".

No entanto, essa situação começou a mudar...



Em 1757, o Marquês de Pombal, ministro do Rei de Portugal, tomou uma série de medidas radicais para restringir a influência da Igreja e controlar a atuação dos missionários da Companhia de Jesus.

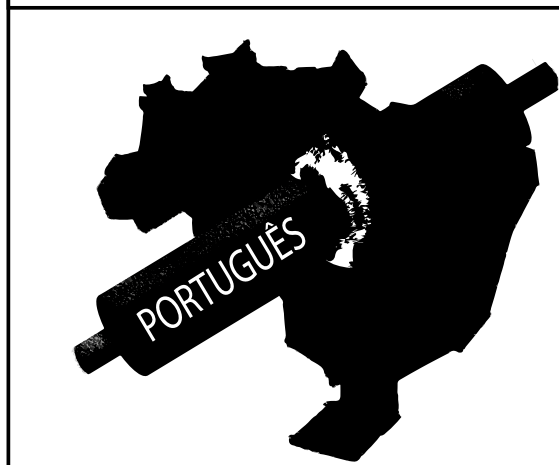


Marquês de Pombal
(1699 - 1782)



Ele expulsou os jesuítas da colônia, confiscou todos os seus bens e proibiu a utilização das línguas gerais, impondo o uso e o ensino obrigatório do português no Brasil.

Foram proclamadas políticas governamentais para a proibição do uso do Nheengatu, com o argumento de esta ser fonte de retrocesso e ignorância.



Observando, pois, todas as nações polidas do mundo este prudente e sábio sistema, nesta Conquista se praticou tanto pelo contrário, que se cuidaram os primeiros conquistadores estabelecer nela o uso da língua que chamam geral, invenção verdadeiramente abominável e diabólica, para que, privados os índios de todos aqueles meios que os podiam civilizar, permanecessem na rústica e bárbara sujeição em que até agora se conservaram

"O Diretório de 1758: Proibição Oficial do uso da Língua Geral"



CAATINGA

Ka'a
"mata"

Tinga
"branca"

Em Tupi Antigo, os indígenas a chamavam a mata da região de Ka'atinga porque na estação seca, como a maioria das plantas perde as folhas, prevalece na paisagem a aparência clara e esbranquiçada dos troncos das árvores.

QUAL É O MOTIVO DA REDUÇÃO DE FALANTES DO NHEENGATU?

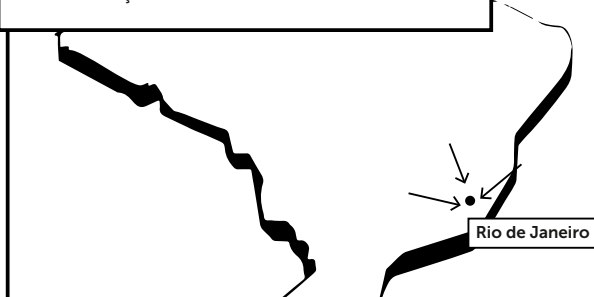
Até a Independência do Brasil



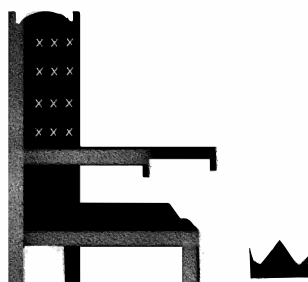
a Amazônia não fazia parte do país, sendo uma colônia separada conhecida como Maranhão e Grão-Pará.



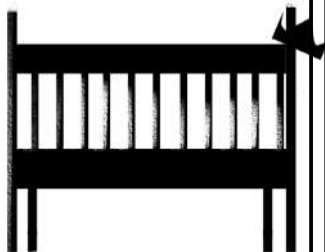
Após a Independência, a região foi incorporada ao Brasil, mas enfrentou desafios devido ao seu isolamento e à resistência das elites locais à administração centralizada do Rio de Janeiro.



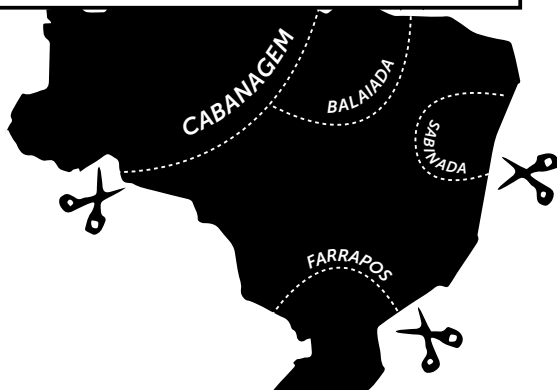
Após a abdicação de D. Pedro I em 1831, o Brasil foi governado por regentes.



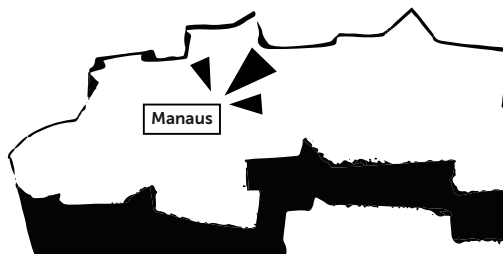
Visto que o herdeiro do trono, D. Pedro de Alcântara, era muito jovem.



O Período Regencial foi marcado por agitação política, com diversas províncias buscando maior autonomia e, em alguns casos, até mesmo a separação de Portugal. Movimentos separatistas e republicanos ocorreram em várias regiões do país, incluindo a Bahia e o Rio Grande do Sul



As províncias ansiavam por mais autonomia, e a Amazônia não era exceção. Foi então que a Cabanagem, um dos maiores movimentos populares, irrompeu em Manaus, incendiando a região.



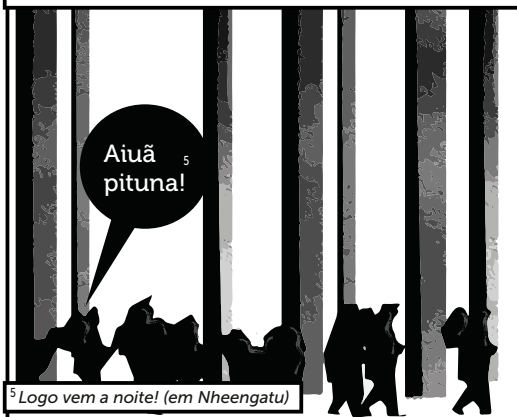
De Belém, as forças militares foram despachadas para sufocar a revolta no Rio Negro. Os cabanos, como eram chamados os combatentes pobres que viviam em cabanas, resistiam a cada conflito.



⁶ FOGO! (em Nheengatu)

Finalmente, em 1839, o governo regencial decidiu oferecer anistia a todos os participantes da Cabanagem na tentativa de encerrar o conflito.

Era uma verdadeira revolução, com a Língua Geral Amazônica sendo usada entre os revoltosos, dificultando a compreensão das tropas enviadas de outras partes do Brasil pelo governo regencial.



⁵ Logo vem a noite! (em Nheengatu)

Em abril de 1836, tropas imperiais desferiram um golpe mortal contra os cabanos, retomando Belém e Barra do Rio Negro. A resistência dos insurgentes permaneceu firme em muitos lugares, e a repressão durou três longos anos.



30.000

caboclos e indígenas
morreram durante
essa insurreição

$\frac{1}{5}$

da população
da província

Foi uma época onde a Língua Geral perdeu milhares de falantes, marcando um segundo golpe após as perseguições de Pombal no século XVIII.

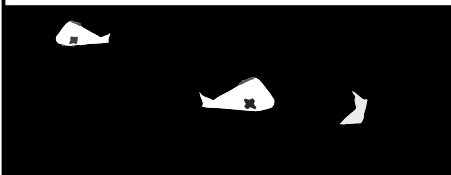
Não se trata de uma ofensa a um dos principais cartões postais do Rio de Janeiro...



IPANEMA

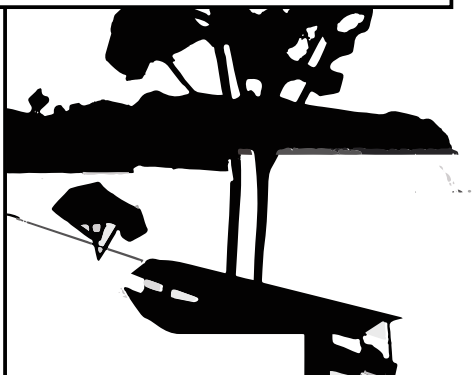
“Y”
“rio”

panem
“imprestável”

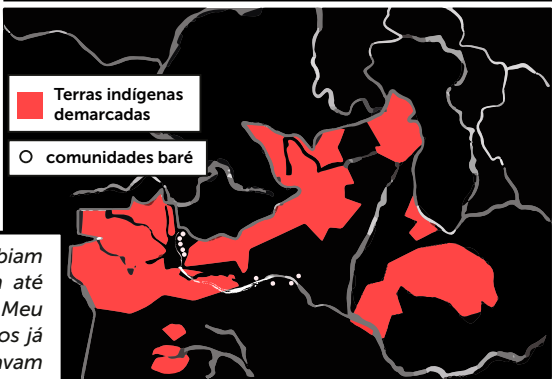


NHEENGATU NO SÉC. XVIII

Aproximadamente, 10.600 barés vivem ao longo do alto curso do Rio Negro (AM). Oriundos da família linguística aruak, já não falam mais seu idioma original, desaparecido por volta de 1950.



Falam nheengatu, língua introduzida por jesuítas no século XVIII, e o português, difundido na região em 1914, pelo sistema religioso-educacional dos Salesianos.



“Antigamente, os Baré sabiam sua língua. Eles falavam até morrerem nossos pais. Meu pai morreu e meus irmãos já não falavam baré. Só falavam Nheengatu.



Entrevista retirada do documentário *Baré: Povo do Rio*, 2015

Nossos pais queriam viver como os brancos, saber a língua dos brancos, nheengar. Então conversavam conosco em Nheengatu. Em Nheengatu nos criaram até ficarmos velhos.



Por isso eu não sei falar Baré. Eles queriam ser brancos, queriam deixar de ser indígenas”



DESCOBRINDO BRANCOS

Depoimento de **Davi Kopenawa** ao Povos indígenas no Brasil, 1998



Há muito tempo, meus avós, que habitavam Mõramabi araopi, uma casa situada muito longe, nas nascentes do rio Toototobi, iam às vezes visitar nas terras baixas outros Yanomami estabelecidos ao longo do rio Aracá

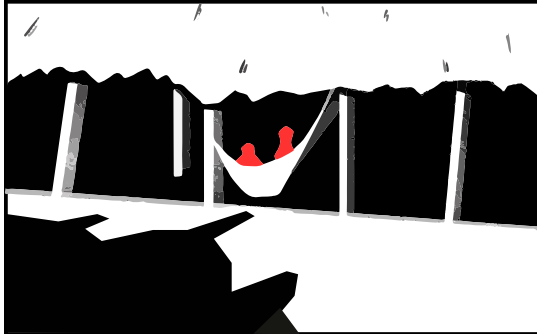
Foi lá que encontraram os primeiros brancos. Esses estrangeiros coletavam fibra de palmeira piaçaba ao longo do rio Aracá.



Durante essas visitas nossos mais velhos obtiveram seus primeiros facões. Havia visto suas ferramentas metálicas e as cobiçavam, pois possuíam apenas pedaços de metal que Omama deixara



quando habitávamos Marakana, que os brancos visitaram nossa casa pela primeira vez. Eu era um menino, mas começava a tomar consciência das coisas. Foi lá que comecei a crescer e descobri os brancos. Eu nunca os vi, não sabia nada deles



Eram pessoas da "Comissão" Os mais velhos diziam que eles roubavam as crianças

Eu os achava muito feios, esbranquiçados e peludos. Eles eram tão diferentes que me aterrorizavam. Além disso, não compreendia nenhuma de suas palavras emaranhadas. Parecia que eles tinham uma língua de fantasmas.



Quando aqueles estrangeiros entravam em nossa habitação, minha mãe me escondia debaixo de um grande cesto de cipó, no fundo de nossa casa. Ela me dizia então: "Não tenha medo! Não diga uma palavra!", e eu ficava assim, tremendo sob meu cesto, sem dizer nada



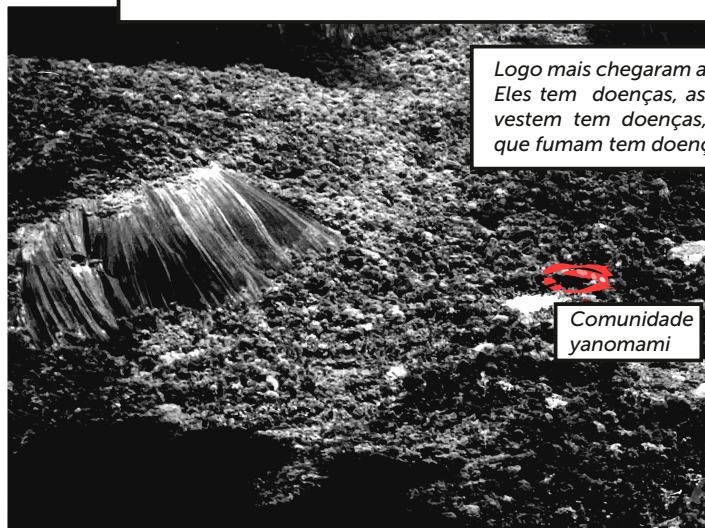
Tudo me assustava, porque nunca vira nada de semelhante e ainda era pequeno! Mas, quando seus aviões nos sobrevoavam, eu não era o único a ficar assustado, os adultos também tinham medo; alguns chegavam mesmo a romper em soluços, e todo mundo fugia para a mata vizinha!



Pensávamos que eram seres sobrenaturais voadores que iam cair sobre nós e queimar todos



Mas os xamãs alertaram, não: os brancos não são bons.



Logo mais chegaram as epidemias. Eles tem doenças, as roupas que vestem tem doenças, no cigarro que fumam tem doenças



Comunidade yanomami



passou uma lua e todos nós adoecemos de sarampo. O sarampo matou os meus velhos.

Fico com raiva porque os brancos que ficam procurando ouro e pedras se aproximaram, e assim, muitos Yanomamis morreram.

do lado do Brasil, somos em 27 mil Yanomamis.

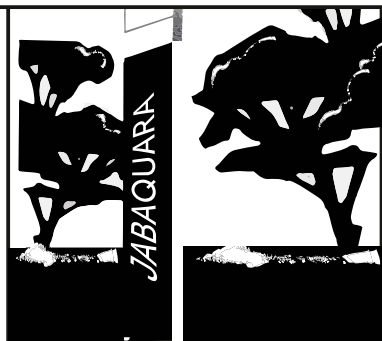


Trecho de **A queda do Céu: Palavras de um xamã yanomami**, de Davi Kopenawa, 2015

Kami urihiha yamakí pirowi yamakí. Kami yamakí pihi xariruwi ai thê kua. Yákoana yama pe koaiwi theha pihi xariru, hapa ai thêpê xapiri pruuwi thêpêha. Yamakí xapiriai, yamakí ütupê praha huuwi, xapiri yai yama thêpê xêiwi hutukara yama pariki aumaiwi. >

Nós somos habitantes da floresta. Nosso estudo é outro. Aprendemos as coisas bebendo o pó de yákoana como nossos xamãs mais antigos. Nos fazem virar espírito e levam nossa imagem muito longe, para combater os espíritos maléficos ou para consertar o peito do céu.

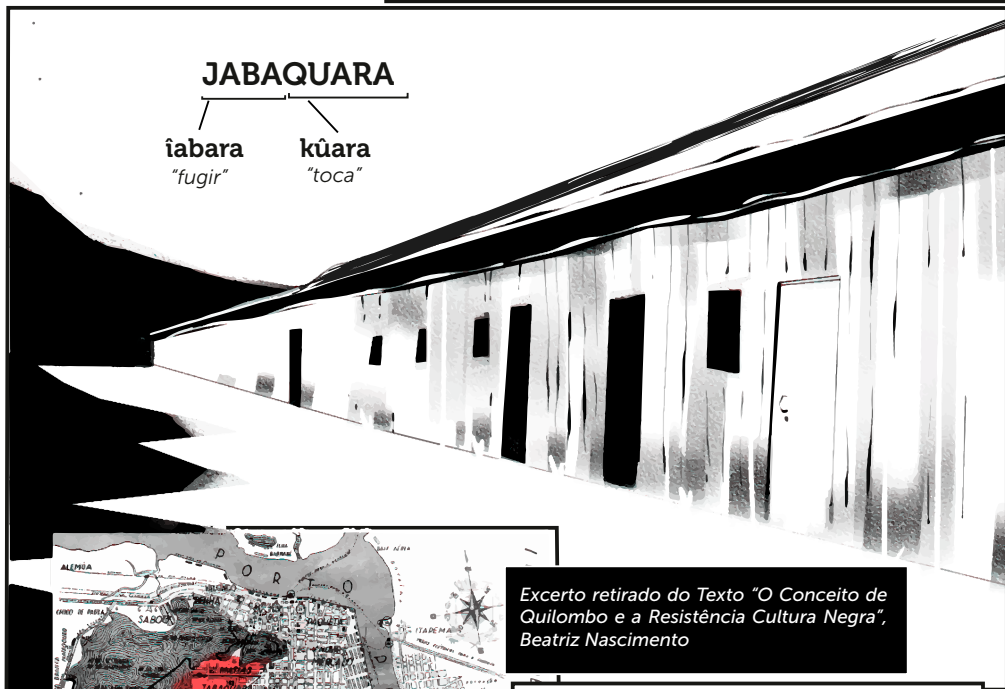
Os moradores do bairro Jabaquara, em São Paulo, são habitantes de uma “toca de fujitivos”



JABAQUARA

iabara
“fugir”

kûara
“toca”



Bairro Jabaquara, Santos - SP

Excerto retirado do Texto “O Conceito de Quilombo e a Resistência Cultural Negra”, Beatriz Nascimento

“No final do séc. XIX, o quilombo recebe o significado de instrumento ideológico contra as formas de opressão. O surgimento do quilombo do Jabaquara decorre da migração de negros fugidos das fazendas paulistas para Santos em busca de um quilombo apregoado pelos seguidores de Antônio Bento. Mas ele era, na verdade, uma grande favela, frustrando o ideal de território livre onde se podia dedicar às práticas culturais africanas e ao mesmo tempo reagir militarmente ao regime escravocrata”.

MARACAÑA

Maraká
"maraca"

ña
"assim como;
dessa maneira"

Ave **Maracaña**



NIKITA GUARANI NHANDOVA



"A minha frase eu diria que é resistir para existir, porque foi isso que aconteceu comigo"

Sai da aldeia com 10 anos, meus pais faleceram e fui doada para um casal em Valinhos"

Quando me trouxeram, falaram..

Daqui pra frente você não é Nikita, você não é indígena"

Aldeia Porto Lindo,
Japorã - MS

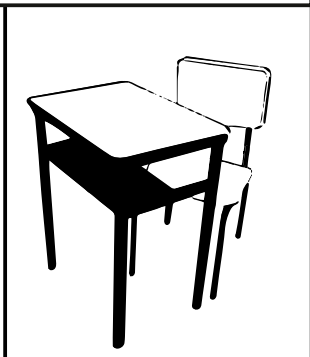
Valinhos
Campinas - SP

São Paulo

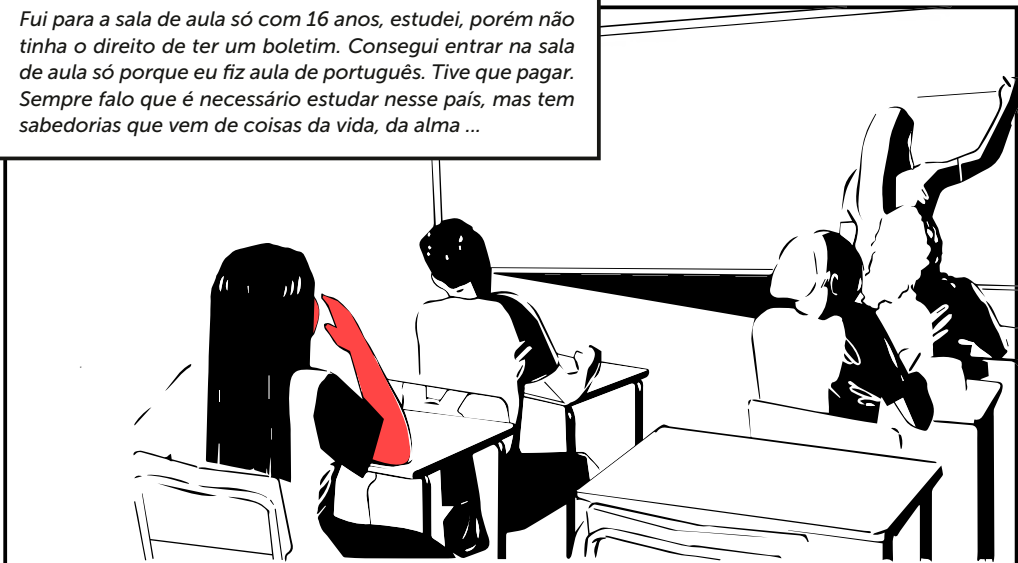
Entrevista realizada em 2021 com a Nikita Guarani Nhandeva - Artigo **"Um pé aqui, o coração lá: experiências de uma mulher indígena no contexto urbano"**, Naomi Iria

Até os meus 16 anos eu passava em volta da escola e ouvia o barulho de criança. Eu amava ouvir esse barulho porque eu queria estar lá também.

Como meu português não me ajudava. Eu fui para a sala de aula com 16 anos, e fui porque insisti.

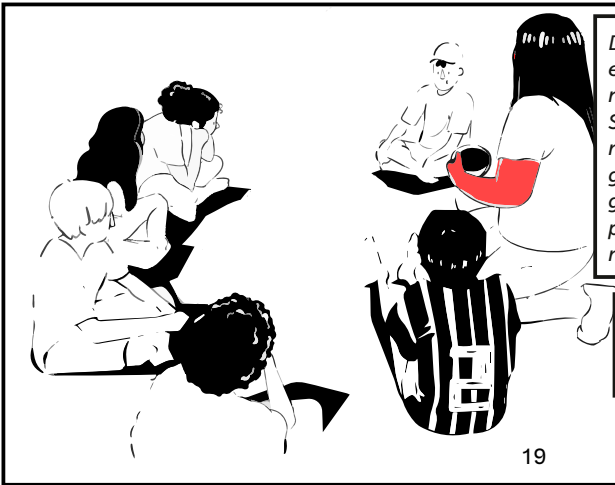


Fui para a sala de aula só com 16 anos, estudei, porém não tinha o direito de ter um boletim. Consegui entrar na sala de aula só porque eu fiz aula de português. Tive que pagar. Sempre falo que é necessário estudar nesse país, mas tem sabedorias que vem de coisas da vida, da alma ...



Desde 2016 comecei a dar aula na escola. Em todas as aulas me emociono. Sempre amei estar em sala de aula. Sempre trabalho com material direto da minha aldeia. Acho importante um indígena falando em sala de aula. Sempre gosto de falar com adolescentes porque é uma fase no mundo ocidental muito interessante.

Eu levo isso, em todo espaço onde eu sou convidada, falo sobre a nossa realidade.



Recentemente eu estava com algumas meninas no McDonald's, e a mesa ao lado disse ...

mas índio no McDonald's?".



É como se você estivesse num lugar, e este não é o seu espaço. Se eu tenho condições, é lógico que eu tenho o direito de ir.

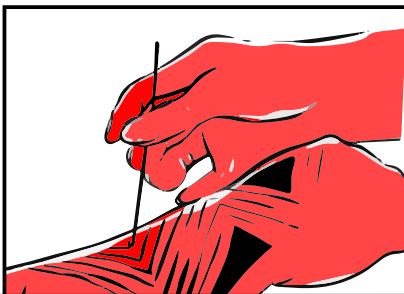


Eu sempre digo que o indígena pode estar em qualquer lugar

Esses desenhos são tatuagem?



Eu sempre trabalho na escola com vários temas, para levar a história e cultura indígena para a sala de aula



Quando veem grafismo, por exemplo, as pessoas me olham pintada, dizem "Isso é tatuagem". Não, é uma tatuagem, é uma pintura corporal que tem história, tudo tem um significado para nós e é importante as pessoas conhecerem.

Eu fiz Linguística Indígena na Unicamp, e eu estava indo na aula e ouvi as pessoas falarem.

Me explica, eu sempre vejo índio de capacete. O que é esse capacete aí?

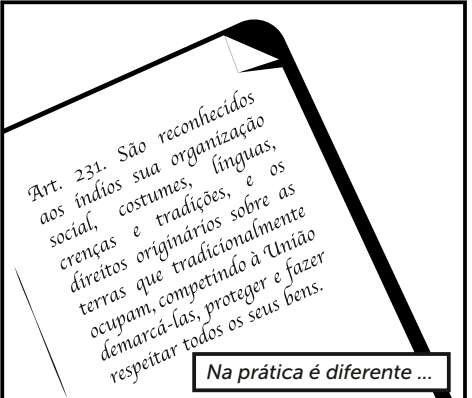
Cocar!





CONSTITUIÇÃO

A constituição existe no papel mas não é colocada em prática... quando falam em demarcação de terras para indígenas



Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Na prática é diferente ...

Eu passei na pele o que é viver num espaço onde você é ameaçado o tempo todo, por causa de árvore e natureza. Vivi na aldeia quando criança, o meu pai sendo ameaçado, ameaçavam matar seus filhos, porque se eles não tirassem uma madeira que eles queriam..

Destroem o que é nosso e nos enxergam como se fossem invasores de terras. É o nosso espaço. E todo espaço que tem um indígena ele é muito ligado à natureza




GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

TERRA PROTEGIDA

ACESSO INTERDITADO A PESSOAS ESTRANHAS
ARTIGO N° 231 DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL
ARTIGO N° 10 LEI N° 6001/73
ARTIGO N° 161 DO CÓDIGO PENAL

Ninguém consegue explicar o que a natureza significa para nós. É algo que cura e ninguém nunca vai entender essa relação nossa com a natureza. Sempre falo que é o lugar que me cura e me traz paz. As pessoas não enxergam



Quando enxergam terra, enxergam sujeira. Eu não sujo os meus pés quando piso na terra, eu tô adquirindo vitamina pro meu corpo. A Terra é uma escola para o nosso povo, e assim a gente enxerga a terra.

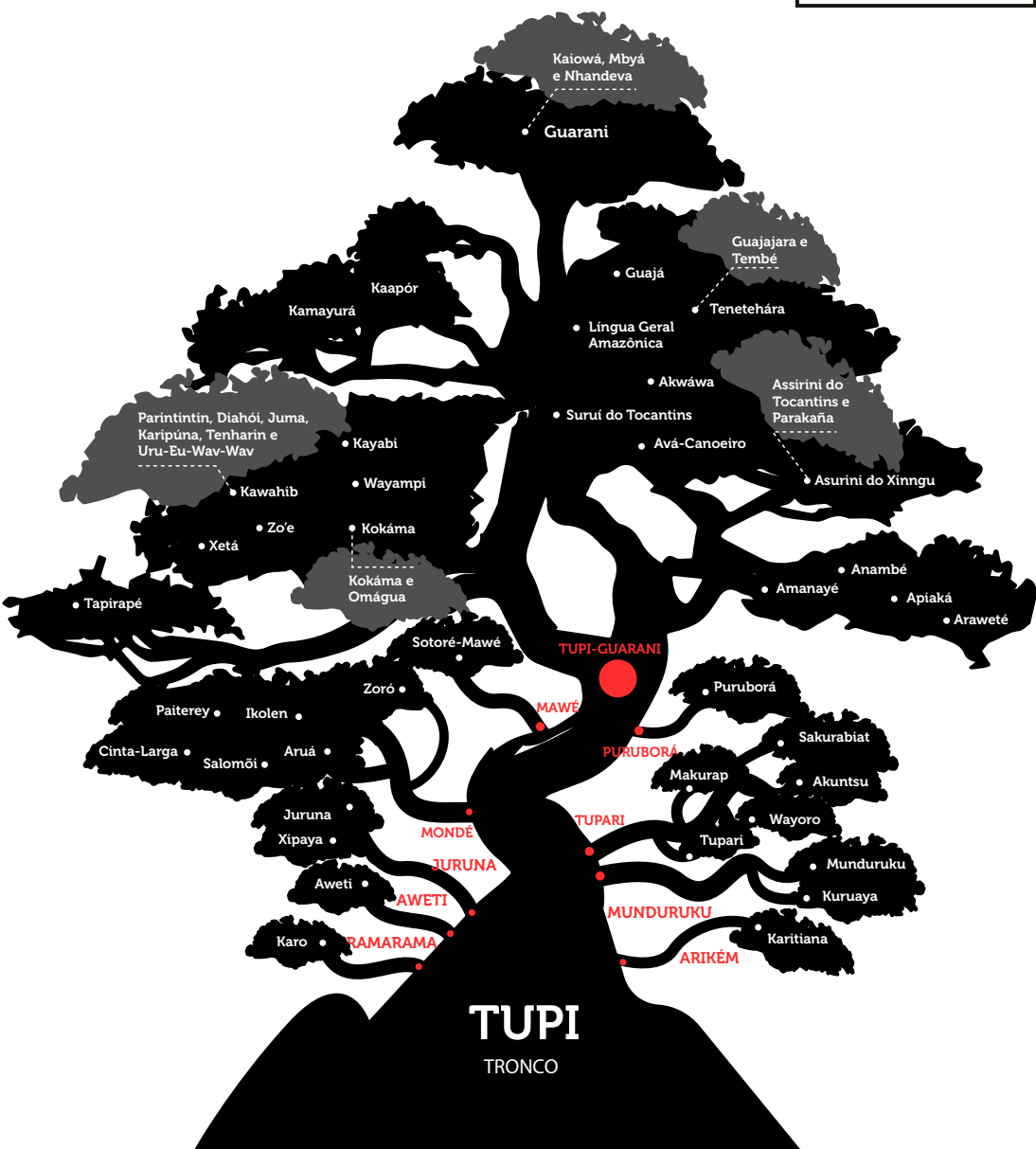
Da terra você vive, sua casa está em cima de uma terra. Tem cimento, tem bloco, mas tem terra”.

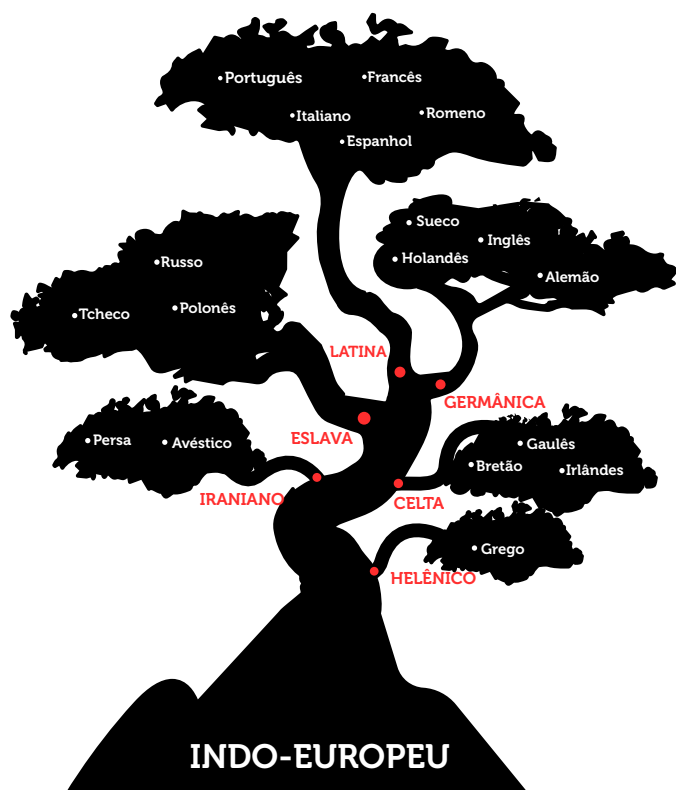


*E quando você morre,
ela te acolhe”.*



- FAMÍLIAS
- LÍNGUAS
- DIALETOS





BIBLIOGRAFIA

ALBERT, Bruce. Descobrindo os Branco, Davi Kopenawa. Instituto Socio-ambiental. 1998.

EDELWEISS, Frederico, O diretório de 1758: Proibição oficial do uso da língua geral. In Estudos Tupis e Tupi-Guaranis, Livraria Brasileira, Rio de Janeiro, 1969, pp. 18-19; pp. 36-37

NAVARRO, E. A., Método Moderno de Tupi Antigo - A Língua do Brasil dos primeiros séculos. São Paulo, Editora Global, 2006 (3ª edição).

_____. Língua e Poesia: o último refúgio da Língua Geral no Brasil. Estudos avançados 26 (76), 2012

_____. Curso de língua geral (nheengatu ou tupi moderno). São Paulo: 2011.

Barros, M. C. D. M. Borges, L. C., & Meira, M. (1996). A língua geral como identidade construída. Revista De Antropologia, 39(1), 191-219.

HERRERO, Marina; FERNANDES, Ulysses (Org.). Baré, o povo do rio. São Paulo: Edições Sesc, 2015.

GUARANI Nhandeva, Nikita; IRIA, Naomi - Um pé aqui, o coração lá: experiências de uma mulher indígena no contexto urbano. Acervo de múltiplas vozes: narrativas de experiências com Arte e Educação (vol. 1), 2021

TEIXEIRA, T. Infografia e jornalismo: conceitos, análises e perspectivas. Salvador: Editora da UFBA, 2011

ANEXOS

Mapa 1. Presença indígena na costa, em PEREIRA, César. e PRATES, Maria Paula. Nas margens da estrada e da história Juruá. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 97-136, jul./dez. 2012.

Mapa 2. de abrangência do povo Baré, região do rio Negro, AM, Herrero e Fernandes (2015, p. 19).

Diálogo retirado do capítulo 14 "Ybyrapytanga" (p. 185), Método moderno de Tupi Antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos, Eduardo de Almeida Navarro - 3 ed. - São Paulo: Global, 2005.

Diálogo retirado do capítulo 7 "Tupã Nhe'enga" (p. 88), Método moderno de Tupi Antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos, Eduardo de Almeida Navarro - 3 ed. - São Paulo: Global, 2005.

Documento "O Diretório de 1758: Proibição Oficial do uso da Língua Geral".

A queda do Céu: Palavras de um xamã yanomami, de Davi Kopenawa e Bruce Albert, São Paulo: Companhia das Letras, 2015

FIGURAS

Descoberta do Brasil. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra6248/descoberta-do-brasil>.

PRIMEIRA Missa no Brasil. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1260/primeira-missa-no-brasil>.

